

O projeto *VINCULUM* na Ribeira Lima

— António Mário Leitão

Os vínculos que outrora moldavam grande parte das heranças patrimoniais (casas, capelas, propriedades, direitos e tradições) eram instrumentos jurídicos constituídos que visavam impedir a sua alienação ou divisão, constituindo morgadios que preservavam a riqueza numa família e garantiam a sua transmissão através das gerações. A necessidade de vincular uma propriedade resultava de uma tripla realidade que fundamentava as sociedades de então: a família, o poder e a identidade.

Foi esta a realidade histórica trabalhada pelo projeto *VINCULUM* — *Entailing Perpetuity: Family, Power, Identity. The Social Agency of a Corporate Body (Southern Europe, 14th-17th Centuries)* (2019-2024), financiado pelo Conselho Europeu de Investigação e coordenado por Maria de Lurdes Rosa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A extensão do seu importantíssimo trabalho à nossa região iniciou-se com a participação de investigadores do grupo no seminário À

descoberta dos solares da Ribeira Lima, promovido pelo Município, que decorreu no palacete Vila Morais no dia 10 de março de 2023; seguiu-se um *VINCULUM Project Day* em julho do mesmo ano, também tendo como anfitriã a edilidade, e posteriormente o desígnio de trazer ao vale do Lima o programa televisivo *Visita Guiada*, apresentado por Paula Moura Pinheiro, que na primavera de 2024 exibiu dois episódios conduzidos por proprietários e estudiosos das casas antigas deste rincão.

A mais admirável e consequente iniciativa do *VINCULUM* no nosso território foi, contudo, sem qualquer dúvida, o evento *Vínculos com (a) história: à descoberta das casas históricas da Ribeira Lima*, que decorreu entre os dias 21 e 29 de setembro de 2024. Conduzido por Miguel Ayres de Campos Tovar, e dando forma a um conceito idealizado por um pequeno grupo de proprietários locais, a iniciativa aliou parcerias do Município de Ponte de Lima, da TURIHAB e da empresa *Patrimonium – Gestão e Promoção de Bens Culturais*. Foram três os vetores decisivos para a sua prossecução, a saber: primeiramente, a realização de um protocolo com a Escola Secundária de Ponte de Lima, através do qual vários professores e alunos foram sensibilizados para o projeto; em segundo lugar; a formação de quatro dezenas de volun-

tários das turmas do 11.º e 12.º ano, no início das férias grandes do passado ano, destinada a dotar os formandos dos conhecimentos necessários à orientação de visitas guiadas às Casas de Família da região; por fim, a sensibilização de mais de dezena e meia de proprietários para abrirem as suas casas e propriedades ao público interessado.



— *Fig. 1*

Visita formativa dos voluntários da Escola Secundária de Ponte de Lima à casa Norton de Matos, no centro de Ponte de Lima. Fotografia de António Mário Leitão.

Se o primeiro ponto não se reveste de grande singularidade, os outros dois constituíram iniciativas de enorme precedência e, efetivamente, nunca antes experimentadas entre nós. O autor destas linhas teve privilégio de fazer parte do grupo de colaboradores voluntários deste projecto em terras de Ponte de Lima e de Viana do Castelo, acompanhando alguns estudantes às casas históricas onde desempenhariam o seu papel de cicero-nes. Foi uma experiência inesquecível — sentimento decerto partilhado com os quarenta jovens voluntários que guiaram os visitantes — pela compreensão do património monumental e arquitetónico, detalhadamente explicado com o auxílio dos proprietários, pela contemplação das raridades existentes nos acervos artísticos e arquivísticos privados, e pela possibilidade de experienciar as histórias e tradições familiares incarnadas pelas famílias que continuam a habitar e a humanizar estes históricos edifícios.

Ao longo dos dois fins de semana do seu funcionamento, a atividade permitiu a 1548 visitantes oriundos de longe e de perto — com uma notória adesão do público local, mas também vários participantes de Lisboa, Porto e outras partes do país, bem como alguns turistas estrangeiros — mergulhar no fabuloso património que é a arquitetura senhoria da Ribeira Lima. O seu sucesso irá

decerto motivar dezenas de proprietários de outros solares que não puderam entrar neste projeto a abrirem as suas residências aos visitantes que as procurarem, aumentando o seu valor imaterial perante a nossa sociedade por via do conhecimento direto e fundamentado. Afinal, como é sabido, não se pode amar o que se desconhece...

As casas de família que estiveram disponíveis nesta primeira edição da iniciativa foram as seguintes: casa de Abbades, em São Martinho da Gandra; paço de Anha, em Vila Nova de Anha; casa de Nossa Senhora de Aurora, no centro de Ponte de Lima; casa da Barrosa, em Vila Franca do Lima; casa de Bertianos, em Bertianos; casa da Carcaveira, em Sá; casa da Boa Viagem, na Areosa; paço de Calheiros, em Calheiros; casa do Cruzeiro, em Arca; casa Norton de Matos, na rua do mesmo nome da vila de Ponte de Lima; paço de Lanheses, em Lanheses; casa da Lage, em São Pedro d'Arcos; casa do Outeiro, em Arcozelo; casa das Torres, na Facha; casa de Sá, em Sá; torre de Refoios, em Refoios; e paço de Vitorino, em Vitorino das Donas.

Aqui fica para a história, a jeito de crónica jornalística, a memória de um dos mais importantes eventos culturais ocorridos no quadro das celebrações pelos 900 anos do foral da vila de Ponte de Lima.

Congresso

Os arquivos das Misericórdias: da memória das instituições e dos indivíduos à história das comunidades

— *A equipa editorial*

No dia 14 de dezembro de 2024 a Misericórdia de Ponte de Lima foi anfitriã de um encontro científico de âmbito nacional dedicado ao notável património configurado pelos arquivos destas instituições. Convocado sob o lema *Os arquivos das Misericórdias: da memória das instituições e dos indivíduos à história das comunidades*, o evento concebeu-se como fórum para a reflexão e partilha de experiências, entre historiadores e arquivistas, sobre o modo como as Misericórdias se relacionaram com os respetivos contextos sociais no tempo longo da história, e sobre o valor dos seus acervos documentais enquanto repositórios de uma memória que transcende

em muito a mera identidade corporativa. A coordenação científica do convénio ficou a cargo de Laurinda Abreu (Universidade de Évora), Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho), e de Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra), autoras de uma vasta obra de investigação sobre a cultura assistencial na Época Moderna, bem como do autor destas linhas, enquanto responsável pelo projecto de descrição ora em curso do arquivo da Misericórdia de Ponte de Lima. Partilhando uma ética de valorização dos arquivos das Misericórdias enquanto património das comunidades, as comunicações aprofundaram casos de estudo relativos a regiões e contextos muito diversos, abrindo-se num leque de temáticas refletivo da própria riqueza destes fundos documentais. O mote foi dado por Laurinda Abreu, que abriu os trabalhos considerando a relevância do material em apreço para o estudo da sociedade portuguesa do Antigo Regime; Maria Antónia Lopes demonstrou-o concretamente em relação à Misericórdia de Coimbra, ilustrando sugestivamente o quanto da história da cidade se plasma no seu arquivo, e Sofia Fernandes trouxe à liça o caso de estudo configurado pela procissão das Endoenças na congénere de Penafiel, enquanto plataforma para a análise de um meio social. A segunda sessão, focada nas práticas arquivísticas,

trouxe-nos pela mão de Liliana Valente Neves o exemplo de intervenção e preservação patrimonial preconizado em anos recentes pela Misericórdia de Arcos de Valdevez; seguiram-se, através da intervenção de Tiago Ferraz, interessantes perspetivas sobre a importância do arquivo da Misericórdia de Cabeceiras de Basto para a memória da assistência aos pobres nesse concelho, e na voz de Ana Isabel Silva o modelo de valorização patrimonial configurado pela interseção entre a Misericórdia, a museografia e a arquivística no município alentejano de Ponte de Sor. A tarde foi dedicada a escutar Luís Gonçalves Ferreira sobre os aportes que estes acervos podem trazer à historiografia da indumentária na Época Moderna, nomeadamente dos pobres e trabalhadores, Sara Pinto sobre a relação da Misericórdia de Caminha com o carácter fronteiriço da comunidade em que se implanta, e finalmente Ricardo Pessa de Oliveira, com uma minuciosa reconstrução do percurso de Frei Valentim Alexandre da Cunha, benemérito da Misericórdia de Pombal, a partir do seu rasto documental. Seguiu-se a comunicação de Maria Marta Lobo de Araújo, oferecendo uma panorâmica sobre algumas das principais famílias e indivíduos investidos na gestão da atividade assistencial da misericórdia limiana — refletindo o aprofundado trabalho desenvolvido por

esta investigadora no arquivo da instituição anfitriã durante a elaboração da sua tese de doutoramento, *Dar aos pobres e emprestar a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima (séculos XVI-XVIII)*. Ao autor destas linhas coube encerrar a jornada, com um breve apresentação dos trabalhos de descrição e valorização do arquivo levados a cabo até à data.

Paralelamente às sessões de trabalho, que decorreram na histórica sala do Consistório e estiveram abertas ao público em geral, esteve patente na sacristia da igreja da Misericórdia uma mostra documental subordinada ao tema do encontro. Relevando a diversidade do arquivo da instituição e o seu profundo entrecosimento com a

vida da região ao longo de quase cinco séculos, a seleta de documentos exposta enfatizou também os largos horizontes geográficos da Misericórdia limiana, patentes em testamentos e legados de indivíduos enriquecidos na Índia, no Brasil e noutros pontos do mundo português. Lembramos que foi precisamente o valor do seu arquivo enquanto fonte para o estudo das relações entre a Ribeira Lima e a América portuguesa que justificou a participação dos trabalhos de descrição e digitalização em curso pela Fundação Internacional Iberarquivos, no âmbito do projeto *Malhas que o império tece: entre o local e o global no arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima (séculos XVI a XX)*.



— *Fig. 2*
Grupo de conferencistas com o Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima no final dos trabalhos. Fotografia de Ricardo Pessa de Oliveira.

Tanto o congresso, cujo elenco teve o condão de reunir os principais nomes desta área de estudos, como a exposição complementar contaram com forte adesão por parte da comunidade, constituindo um inequívoco ponto alto do calendário cultural da Misericórdia de Ponte de Lima para o ano transacto. O sucesso do encontro, patente na qualidade da investigação aí apresentada e na calorosa recepção pelo público limiano, oferecem um excelente exemplo do papel dinamizador que estas entidades podem assumir nos respetivos quadros regionais, constituindo-se como pontes entre a academia e os recursos locais e combatendo a desertificação cultural tendencialmente vivida fora dos grandes centros. Também neste campo se mostram, assim, protagonistas indispensáveis da história das localidades, contrapesando tantas vezes a inércia ou incapacidade dos poderes públicos e suprindo as suas falhas.

A fim de valorizar os contributos trazidos pelos vários oradores e assegurar a sua acessibilidade à comunidade científica alargada, a instituição entendeu apadrinhar a publicação de um volume actas dos trabalhos — que se acha agora em numa fase adiantada de preparação, e constituirá ele mesmo um contributo de monta para a área de estudos em apreço.

Casa da Baldrufa: património à espera de cair?

— *José Aníbal Marinho Gomes*

A casa da Baldrufa, à entrada da vila de Ponte de Lima, encontra-se hoje votada ao abandono. Um imóvel senhorial com um importante valor histórico e identitário vai-se desfazendo perante os olhos de todos: paredes que cedem, janelas abertas ao vento e à chuva, vegetação a cobrir fachadas outrora nobres e um telhado em risco iminente de ruína.

Não será legítimo perguntar: estará alguém à espera que o telhado colapse por completo, para então justificar a sua demolição e substituí-la por mais um prédio vulgar de habitação? Se tal suceder, não estaremos apenas perante uma operação imobiliária, mas perante a destruição deliberada de um pedaço da memória limiana.

O percurso deste imóvel mostra como se foi adiando, década após década, a sua valorização. A 18 de novembro de 1994 foi aberto o processo de classificação da casa e quinta da Baldrufa, reconhecendo-se a sua relevância patrimonial. Em 2001, após a morte do seu proprietário, a casa encontrava-se à venda e chegou

a existir um projecto para a converter em estalagem, solução que poderia ter garantido um futuro digno ao edifício. Contudo, nada avançou.

Entretanto, a 26 de setembro de 2012, foi publicado em *Diário da República* o anúncio n.º 13474/2012, determinando o arquivamento do processo de classificação, sob o argumento de que o imóvel não teria valor de âmbito nacional. Mas nesse mesmo anúncio ficou escrito, de forma clara, que seria mais adequada a sua classificação como de interesse municipal. E é aqui que a pergunta se impõe: por que razão a Câmara Municipal de Ponte de Lima não seguiu a recomendação constante desse anúncio oficial? Como é possível que, passados mais de dez anos, nada tenha sido feito para proteger este imóvel? Entretanto, a casa da Baldrufa foi novamente vendida (não sendo possível precisar o ano) e encontra-se actualmente na posse de um novo proprietário, com conhecidos interesses imobiliários. Desde então, não se vislumbra qualquer plano de reabilitação ou salvaguarda, apenas o lento definhar de uma casa que pertence à identidade colectiva limiana.

Importa ainda referir que no espaço exterior da casa da Baldrufa se encontra um cruzeiro quinhentista, oriundo da freguesia de Brandara. Embora não pertença originalmente à casa, a sua permanência no local deve ser garantida, quer

pelo valor histórico que encerra, quer para que não se repita o que já aconteceu com o fontanário barroco de espaldar alto que se encontrava no jardim atrás da casa, proveniente da quinta da Cachadinha, em Rebordões Souto, e que desapareceu, desconhecendo-se o seu paradeiro. Ao contrário destes elementos deslocados, destaca-se ainda a existência de um portal do século XVII, esse sim originário da casa.

Assim, a preservação destes elementos é essencial para salvaguardar a integridade e autenticidade do conjunto patrimonial. A casa da Baldrufa pertenceu, por aquisição, ao Dr. António Vasconcelos Porto, natural de Vila Nova de Gaia. Tendo feito de Ponte de Lima a “terra do seu sonho”, “terra prometida / meu reino e meu exílio voluntário” — nas expressões de um bem conhecido poema de sua autoria — decidiu adquirir esta casa, onde viria a residir. Como escritor, usou o pseudónimo de António Porto-Além. Conceituado poeta, a sua obra, de refinada imagética e delicado labor formal, é constituída por vinte e oito livros, publicados entre 1932 e 1995. Faleceu nesta casa a 4 de abril de 2000. Era também um reconhecido colecionador de arte barroca — mobiliário, louças e outras peças — e chegou a idealizar a criação de uma fundação, cuja curadoria, após a sua morte, ficaria a cargo da Câmara

Municipal de Ponte de Lima. Contudo, tal como está prestes a suceder ao próprio imóvel, também este espólio se perdeu, por não ter a autarquia na década de 1990 demonstrado qualquer interesse ou iniciativa que garantisse a sua preservação e valorização. Esperemos, pois, que agora não se repita um erro semelhante e que este património não desapareça por inteiro, deixando mais uma vez a memória colectiva à mercê da negligência. Se o Estado concluiu que a casa da Baldrufa não tinha interesse nacional, caberia ao Município assumir a sua responsabilidade e classificá-la como Imóvel de Interesse Municipal. Não o fazer equi-

vale a deixar morrer a memória de uma terra que se orgulha de ser uma das mais antigas de Portugal, mas que permite que o seu património desapareça perante a indiferença geral. A casa da Baldrufa deve pois ser preservada, reabilitada e integrada no futuro cultural e turístico de Ponte de Lima.

Permitir que esta casa se desfaça é aceitar que a identidade limiana se apague, pedra a pedra. A decisão é simples e inadiável: ou se age agora, com coragem e sentido de dever, ou seremos cúmplices da morte lenta de mais um pedaço da nossa história colectiva.



— *Fig. 3*

Estado da casa da Baldrufa e do seu portão nobre (este já com perda de várias peças de cantaria) em meados de 2025. Fotografia de José Aníbal Marinho Gomes.

Exposição sobre o património arquivístico da Misericórdia de Ponte de Lima

— *A equipa editorial*

De 9 a 13 de junho de 2025 celebrou-se a sétima edição da *Semana Internacional dos Arquivos*, uma iniciativa do Conselho Internacional de Arquivos (ICA), este ano sob o mote #ArquivosSãoAcessíveis – *Arquivos para todos*. Entidades um pouco por todo o país responderam à chamada para divulgar, valorizar ou de algum modo abrir à fruição do público os seus acervos arquivísticos, com o fito de eliminar barreiras, promover a acessibilidade a estes espaços e assegurar que os arquivos representem a diversidade das comunidades em que se inserem. Não foi exceção a Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, que durante o período teve patente na sua sede da Rua General Norton de Matos uma exposição intitulada *A Misericórdia, guardiã da memória da comunidade: relances de um património arquivístico*.

Com uma ampla selecção de documentos distribuídos por oito vitrines, a mostra

patenteou a larga cronologia (séculos XVI-XX), bem como a grande diversidade tipológica e temática do acervo da instituição. Procurando enfatizar o profundo entrecosimento da corporação com a vida do burgo e do seu termo ao longo dos quase quinhentos anos de história que já conta, foram escolhidos como eixos temáticos a vida e a economia institucionais, os testamentos e legados, os largos horizontes geográficos impressos aos seus contactos e relações pela diáspora minhota, e, finalmente, o fulcral papel assistencial junto das populações — nomeadamente vertente do cuidado hospitalar, do apoio aos presos e da dotação de órfãs.

A exposição foi coordenada por Miguel Ayres de Campos Tovar — responsável pelo projecto de descrição arquivística destes fundos iniciado no passado ano de 2024, em parceria com o Arquivo Municipal de Ponte de Lima — que conduziu uma visita guiada na sessão de abertura. Foi esta também, portanto, uma ocasião para divulgar e enaltecer junto do público o esforço que a Misericórdia de Ponte de Lima vem empreendendo no que toca à valorização, estudo e disponibilização deste património.